

VOZES DO ALÉM-MAR: O CONTATO LINGUÍSTICO ITALIANO-PORTUGUÊS NAS CARTAS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Bruno Ferreira (UFBA)

bruno_24ferreira@hotmail.com

Norma Suely da Silva Pereira (UFBA)

normasuelypereira@yahoo.com.br

RESUMO

Apresenta-se uma edição semidiplomática de uma carta datada do início do século XX, escrita em São Paulo por um imigrante italiano, o qual manda notícias ao pai, que se encontra na Itália. O documento está disponível no acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, catalogado no acervo de cartas de chamada como *Giovanino, Angelina, Cesere e Ermenegildo Fenili*. A carta é escrita em italiano, língua materna do autor, porém apresenta trechos em língua portuguesa, e outros aspectos que revelam o contato linguístico entre a L1 e a L2, ou seja, o português brasileiro. O documento, datado da primeira metade do ano de 1915, abarca o contexto histórico-social dos fluxos migratórios de comunidades italianas rumo ao Brasil, movimento que buscava favorecer tanto as políticas de desenvolvimento da lavoura cafeeira e da indústria nacional quanto atender às necessidades dos estrangeiros que, enfrentando severos problemas políticos e econômicos em seu país de origem, buscavam novas possibilidades de vida nas Américas.

Palavras-chave:

Edição semidiplomática. Imigração italiana no Brasil. Carta de chamada.

1. *Introdução Crítico-Filológica*

A Filologia, como assinala Gonçalves (2014), é uma ciência de origem remota e que possui caráter histórico, cultural e memorialista, a qual toma por base de estudo a linguagem humana através dos textos e se mostra importante para uma vasta quantidade de áreas do conhecimento, uma vez que, através de seu rigor metodológico, busca criar um produto final que pode ser utilizado com total confiabilidade por uma variedade de ciências, como a História, a Literatura, a Filosofia, a Linguística, entre outras.

A Filologia, então, como afirma Cambraia (2005), se define como uma ciência transdisciplinar, a qual, para fixação do texto estudado, toma em seu auxílio um conjunto diversificado de ciências, tais como a Paleografia, a Diplomática, a Linguística, dentre outras.

Sendo assim, na presente pesquisa orientada pela Filologia Textual em interface com os estudos relativos ao contato linguístico entre o italiano e o português brasileiro, seleciona-se para a realização de uma edição semidiplomática uma carta catalogada no acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, inserida no contexto das cartas de chamada, visto que tal documento, para além de possuir relevantes indícios a respeito de contato linguístico, descreve aspectos de um importante período histórico-social, seja para o Brasil que foi o destino de grande parte dos migrantes, seja para Itália que vivenciava um conturbado período político-econômico.

1.1. A imigração italiana: breve contexto histórico-social

O documento analisado evidencia o contexto histórico-social da imigração de comunidades europeias, no caso específico a italiana, rumo ao Brasil. Nesse contexto o Brasil representou uma das principais metas da imigração italiana, constituindo-se, assim, um importante destino no movimento de fluxos migratórios rumo a um país latino-americano. Segundo Oliveira (1992), entre o ano de 1876 e o ano de 1975, quase um milhão e meio de italianos migraram com destino ao Brasil, atraídos em especial pelas garantias de trabalho cujas propagandas governamentais circulavam aqui e no exterior.

Cabe dizer que a propaganda governamental se inicia por ocasião dos movimentos abolicionistas das últimas décadas do século XIX e se intensificou com a abolição da escravatura, devido à necessidade de mão de obra livre e barata. A respeito dessa questão, Bertonha explica que,

[...] o governo brasileiro tomava mais regularmente as iniciativas, sempre em busca de mercados e trabalhadores que mantivessem funcionando a grande estrutura econômica do país no período, ou seja, a lavoura do café. A situação se alterou a partir dos anos 80 do século XIX, quando uma torrente de imigrantes italianos se estabeleceu no sul e sudeste do Brasil. Os homens de Estado italianos passaram, então, a se interessar mais pela situação do gigante sul-americano, mas tendo em vista basicamente duas linhas de ação: a proteção dos conacionais e a promoção do comércio e das relações econômicas (BERTONHA, 1997, p. 107)

Após enfrentarem uma longa e árdua viagem em condições sanitárias muitas vezes precárias e enfim aportarem em terras brasileiras, pode-se dizer que pouco se sabe do que tange à disposição dos italianos pelo território nacional (OLIVEIRA, 1992). A este respeito, Oliveira diz que:

Sabemos que uma parcela dos imigrantes entrados em São Paulo e alojados na Hospedaria dos Imigrantes ficaram na capital. Empregaram-se na indústria que aqui se expandia, na construção civil e no comércio. Sabemos também que imigrantes estrangeiros foram trazidos diretamente para o trabalho nas ferrovias, tanto para a construção das linhas quanto para as oficinas e operação dos serviços; e estes trabalhadores acabaram provavelmente por fixarem-se nas cidades, na capital ou nas cidades interioranas que formavam a importante rede urbana no período cafeeiro. (MORSE, 1970; VANGELISTA, 1982 *apud* OLIVEIRA, 1992, p. 9)

Sendo assim, no ano de 1888, os italianos representavam 35,8% dos trabalhadores nas atividades artesanais e manufatureiras, chegando a atingir mais de 50% em 1900. Em muitos dos casos, os imigrantes de um estrato social pouco privilegiado, mesmo que portando consigo alguns recursos, não conseguiriam se manter em atividades que exigissem um maior volume de capital, o que justificaria, segundo Bassanezi (1992), uma grande quantidade de trabalhadores servindo em ramos como o beneficiamento, torrefação e moagem do café, enquanto raros eram compradores e comissários de café.

1.2 Cartas de chamada

As cartas ou as correspondências epistolares trocadas entre imigrantes e seus compatriotas, conforme assinalam Matos e Truzzi (2015), não visavam somente retratar os processos de distanciamento entre dois familiares, mas, tornavam-se, também, produtos desses meios, o que as configurava como documentos capazes de relatar o processo de imigração. Como bem observam os autores,

O gesto epistolar era considerado privilegiado, livre, secreto, íntimo, um verdadeiro relato de experiências individuais. Entretanto, quando escritas a rogo, as cartas eram frequentemente lidas e relidas em público e também se tornaram experiências coletivas, sob a forma de textos a princípio privados e domésticos que acabaram sendo compartilhados. (MATOS; TRUZZI, 2015, p. 340)

Considerando, então, as cartas, nesse contexto, produto de um determinado contexto sócio-histórico, nota-se que historiografia ainda não tem disposto das devidas atenções ao estudo. Como assinalam Matos e Truzzi (2015), por terem sido produzidas por indivíduos com um baixo grau de alfabetização, as cartas de chamada, do período de imigração, ocorrido em território nacional, têm sofrido, provavelmente uma visão pejorativa, uma vez que se tende a acreditar que elas não contemplam registros expressivos de escrita. Com relação a isso, refletem os autores:

Os populares produziram seus próprios registros, entretanto, eles se encontram pouco preservados em arquivos públicos, sendo conservados através dos tempos e guardados secretamente nos sótãos e baús, num sentido mais afetivo e visando preservar a memória familiar ou de um grupo. Estas fontes explicitam experiências múltiplas, excepcionais, aventuras pessoais, referências à vida cotidiana, privada e questões de ordem subjetiva e das sensibilidades. (MATOS; TRUZZI 2015, p. 339)

Pensando a este respeito, o que vêm a ser então as cartas de chamada? As correspondências desse período de imigração, denominadas cartas de chamada, foram produzidas, em sua maioria, por pessoas com um baixo nível de escolaridade, como é o caso da carta selecionada como *corpus* para realização deste estudo. As cartas de chamada seriam, assim, “cartas particulares destinadas a cumprir um determinado objectivo – reunir a família ou sua parte em território de emigração” (SILVA, 2014, p. 53).

Um ponto importante é o fato de as cartas virem divididas em dois grupos: as cartas oficiais e as cartas privadas. As cartas oficiais, produzidas no Brasil, são “documentos redigidos em formulários apropriados nos consulados dos países interessados no estado de São Paulo ou nos departamentos responsáveis da *Inspectoria de Imigração do porto de Santos*” (CROCI, 2008, p. 25-6). Já as privadas, são:

[...] cartas manuscritas, correspondência privada, recebidas do Brasil, que o parente de partida da Itália trazia consigo como testemunho do fato de estar se dirigindo para onde havia alguém que pudesse recebê-lo e manter, não se tratava necessariamente de cartas em que se fazia um informal ato de chamada. (CROCI, 2008, p. 26)

Sendo assim, assinala-se que o documento analisado neste estudo corresponde, então, ao segundo grupo, o das cartas privadas, já que o suporte utilizado para a sua escrita não é timbrado por nenhum órgão, não dispendo, assim, de efeito legal e, igualmente, pelo seu conteúdo que possui um caráter mais intimista, particular, por se tratar de uma mensagem trocada entre o emissor, que está no Brasil e dois de seus familiares, que se encontram na Itália, o pai e o primo.

1.2.1. *O italiano popular*

Quanto ao tipo de registro linguístico em que eram redigidas muitas das cartas de chamada do período, pode-se afirmar que este não reflete a habilidade de escrita em língua italiana *standard* do período, mas é um uso que pode contemplar termos regionais e possui particularidades

próprias, sendo denominado por alguns estudiosos da área como “italiano popular”. A respeito desse uso de língua, Bartoli Langelia firma que:

[...] o italiano popular é uma maneira de escrever, não de falar; e tem um caráter largamente unitário, supra-regional. Os especialistas identificam nele traços dialetais e locais, mas em número e com incidência relativamente baixa. Apenas os letrados têm condições para escrever em dialeto. Os iletrados, pelo simples fato de ter aprendido a escrever, escrevem em uma língua que entendem como possível, não a língua que falam. Muitos dos fenômenos verificáveis em seus textos não têm, não podem ter uma efetiva correspondência de pronúncia. (LANGELI, 2000, p. 168)

Berruto (2014), em uma ampla discussão a respeito do que vem a ser o italiano popular, diz que uma primeira noção do termo emerge nos estudos linguísticos do italiano a partir da década de sessenta, através da comparação entre o italiano coloquial e o italiano popular. Seguindo, assim, a ideia de Berruto (2014, p. 127) através de Cortelazzo, esse define o italiano popular como sendo: “[...] il tipo di italiano imperfettamente acquisito da chi ha per madrelingua il dialeto”.¹

2. O Documento

Como já foi assinalado, o documento em questão é uma carta manuscrita, datada de 1915, escrita por um jovem italiano que emigrou para o Brasil, recém-chegado à cidade de São Paulo com os seus irmãos, e que escreve a seu pai que habitava em Bérghamo, na região norte da Itália, informando como se deu a viagem sua e de seus irmãos, detalhando também como transcorre a estadia no Brasil.

A respeito da catalogação do documento no acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, nota-se que este se encontra na seção das cartas de chamada, ou seja, cartas enviadas aos familiares e cujo principal objetivo era o de reunir o imigrante junto com sua família ou parte dela, por meio de um convite para que outros familiares fizessem a travessia do Atlântico rumo ao Brasil. Quando aceito o convite, aquele que convidava:

[...] teria de dirigir-se ao cartório de um qualquer notário a fim de cumprir as formalidades exigidas pela lei que consistiam na apresentação da carta para efeito do reconhecimento da autenticidade da assinatura do seu emissor (SILVA, 2014, p. 64).

¹³⁷ O tipo de italiano imperfeitamente adquirido por quem tem como língua materna o dialeto (BERRUTO, 2014, p. 127) (Tradução nossa).

Uma vez feito o reconhecimento da autenticidade por parte do notário, o documento assumia as características de um documento oficial e para tanto, aquele que convidava responsabilizava-se por prover a subsistência daquele que era chamado (SILVA, 2014).

2.1. Descrição

Foi utilizado para a edição um fac-símile da referida carta, localizada no acervo do Museu da Imigração do Estado de São Paulo, classificada como carta de chamada.

O documento possui dois fólios, estando o texto distribuído em ambos no *recto* e no verso, apresentando numeração lançada a lápis, no ângulo superior direito do *recto* dos fólios, “734” e “734-A”, de inserção provavelmente posterior, para catalogação do documento no acervo.

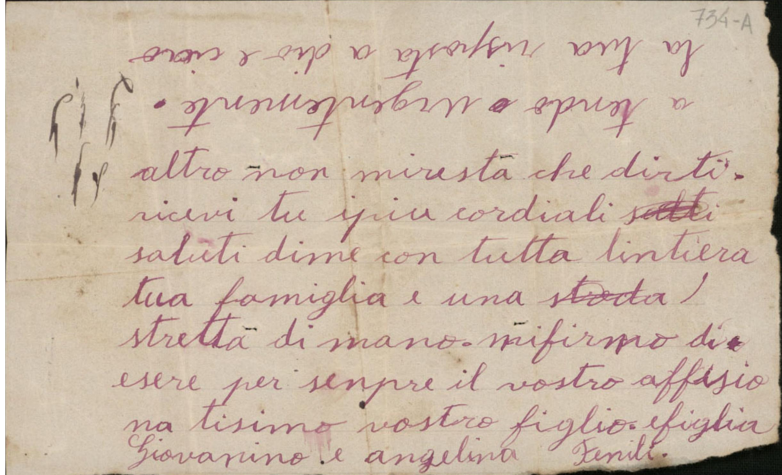
A mancha escrita, lançada principalmente em língua italiana, encontra-se disposta em uma coluna, com uma quantidade de linhas de variável: o fólio 1r. possui 19 linhas; o 1v., 18 linhas; o 2r., 11 linhas; e o fólio 2v., 9 linhas. O suporte utilizado para escrita é pautado e margeado, sendo a margem com recuo maior à esquerda. Quanto ao teor do documento, observa-se que entre o fólio 1r. e o 2r., o interlocutor é o pai do remetente. Já no fólio 2v. encontra-se um bilhete a ser entregue ao primo do emissor, que igualmente se encontrava em Bérgamo, desejando-lhe felicidades e lembranças. É possível observar ainda que a cor da tinta se aproxima de um tom magenta mais escurecido.

A escrita cursiva é pouco precisa, com hesitações e vacilações, que podem ser notadas pela abundância das rasuras presentes, no documento. Observa-se também uma predominância de períodos curtos, compostos de uma só oração, além do uso irregular de maiúsculas e minúsculas. A escrita possui ainda uma grande quantidade de ligaduras e uma escassez de abreviaturas, sendo registrada somente uma ocorrência à altura da primeira linha do f.1r. Todos esses aspectos levam a concluir que o *scriptor* não possuía grande domínio da escrita, tratando-se, portanto, de mãos inábeis.

Pode-se observar que no documento há a presença de duas mãos que escrevem. A primeira redige grande parte do texto, enquanto a segunda mão, ao que se pode identificar, amplia o que seria um escatocolo ao bilhete destinado ao primo.

Cabe ressaltar, ainda, que o texto contido nas linhas 1 e 2 do f. 2r. “a tendo e urgentemente./la tua risposta a dio e ciao” se apresenta em direção contrária às demais linhas do fôlio, indicando que foram escritas posteriormente, à guisa de *post scriptum*, e que foram ali inseridas para aproveitamento do suporte:

Figura 1



FONTE: Carta de Chamada (1915, Pº 2r.). Elaboração dos autores.

Figura 2

altro non miresta che dirti.
ricevi tu ipiu cordiali ~~salu~~
saluti dime con tutta lintiera
tua famiglia e una ~~streda~~
05 stretta di mano. mi firmo di e
esere per senpre il vostro affisio
na tisimo vostro figlio e figlia
Giovanino e angelina Fenili
[↑ a tendo e urgentemente.]
10 [↑la tua risposta a dio e ciao]

FONTE: Carta de Chamada (1915, Pº 2r.). Elaboração dos autores.

No escatocolo da parte do texto dirigida ao primo, no f. 2v., parte do texto está redigido em língua portuguesa, e o traçado das letras sugere ser de uma mão diversa daquela que predomina na escrita do documento: “e Muintas Lembransa./addeus, addeus, cherido Primo,”. As interferências do contato linguístico ocorrem em outros momentos do texto, como na linha 13 do f.1v., quando o *scriptor* grafia *igrezima*, em lugar de *chiesa*, como seria de se esperar, tratando-se da língua predominante na carta. Tais usos demonstram as interferências do contato linguístico, como se discutirá adiante.

2.2. Critérios de transcrição e edição do documento

Para transcrição da carta, foram tomados os critérios para elaboração de uma edição semidiplomática, seguindo as propostas já consagradas pela tradição (SPINA, 1977; CAMBRAIA, 2005; BORGES; SOUZA, 2012):

Foram numerados linhas e fólios; manteve-se a grafia original do texto, conservando-se também a pontuação e as divisões silábicas de palavras do texto; foi desdobrada a única abreviatura encontrada, indicando a parte acrescentada com em itálico. A leitura conjecturada foi indicada com colchetes “tiau[g]uro” e as linhas escritas em direção contrária na margem superior do f. 2r. foram inseridas no sentido usual da escrita, no final do fôlio, indicadas com a seta entre colchetes “[↑]”.

3. Contato linguístico entre o italiano e o português

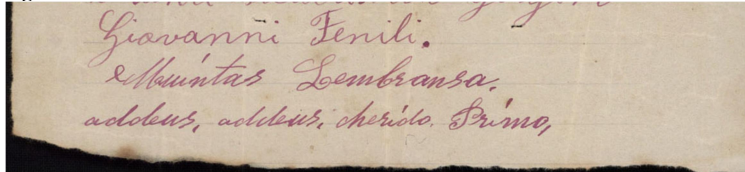
O processo de i/emigração é um dos principais fatores que contribui para o contato entre duas línguas e, conseqüentemente, para o fenômeno de bilinguismo e/ou plurilinguismo (VACCARO, 2012). Assim que chegava ao novo continente, o imigrante se deparava com uma língua diversa daquela ou daquelas que tinha domínio, sendo assim necessária a aprendizagem da língua local, como L2, gerando, então, um primeiro indício de bilinguismo, do qual, o falante possuiria maior domínio em um dos idiomas. A esse respeito Vaccaro diz que:

[...] este fenómeno [contato linguístico] se manifesta apenas em emigrantes de primeira geração, ou seja, é um fenómeno intrageracional, diferenciando-se de fenómenos intergeracionais como a mudança, a substituição ou a morte linguística, os quais precisam de mais do que uma geração para se manifestarem e são típicos das comunidades linguísticas. (VACCARO, 2012, p. 12)

É importante perceber, então, que há dois principais fatores que desencadeiam o fenômeno de contato linguístico – ou, como diz Vaccaro (2012), “atrito linguístico”, visto que a grande maioria dos linguistas trabalham com o conceito *attrition* originado na língua inglesa. O primeiro fator seria a falta de uso da língua materna do falante e, sequencialmente, o segundo fator seria a influência gerada pela L2.

Ao trazer tais questões para o documento estudado, pode-se observar a que nele há a presença de duas mãos que escrevem, como já dito nas seções acima. A primeira mão redige grande parte do texto, enquanto a segunda mão, ao que se pode identificar, amplia o escatocolo do bilhete destinado ao primo, representado na figura a seguir:

Figura 3



FONTE: Carta de Chamada (1915, fº 2v.). Elaboração dos autores.

Constata-se que o segundo *scriptor* traz em sua escrita o resultado do contato entre o italiano, sua L1 – pode-se pensar, também, na questão de os idiomas regionais italianos tomarem o lugar da L1, já que o italiano popular, referido nas seções acima, possui grandes contribuições dialetais (LANGELI, 2000) – e a L2, o português. Assim, Vaccaro, citando Köpke (2004), assinala que:

[...] a influência da L2 é mais concreta e diz respeito ao emigrante que, devido ao contacto com a língua do país de emigração, manifesta uma perda da proficiência na sua L1 ao longo do tempo. De acordo com a autora [Köpke], num contexto bilingue, a L1 seria substituída pela L2 na maioria dos episódios comunicativos, como por exemplo no ambiente de trabalho. (VACCARO, 2012, p. 17)

Sendo assim, pode-se considerar então que a estadia no Brasil do segundo *scriptor* já se prolongava por mais tempo, como demonstra a assimilação da L2 frente à L1 explicitada na carta.

Com respeito às transformações fonéticas, vê-se que na palavra *muintas* ocorre epêntese de uma nasal após a ditongação -ui, enquanto a palavra seguinte *lembransa* sofreu a troca do ç por s sem que fosse com-

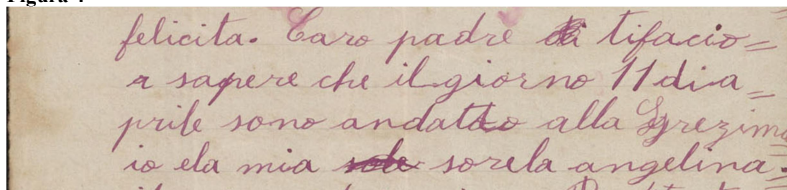
prometida a sua pronúncia, uma vez que ambas as letras correspondem ao mesmo fonema (VIARO, 2014).

Já a palavra *addeus* exemplifica um uso de língua puramente italiano, o *raddoppiamento* (DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 675), que ocorre com consoantes quando essas se encontram em uma posição intervocálica, sendo assim o redobro da consoante “d” serve apenas como um marcador da tonicidade da sílaba (DARDANO; TRIFONE, 1997). Outra questão importante é o *raddoppiamento fonossintattico*, que ocorre quando duas palavras se escrevem juntas, como é o caso de *addio* ou *adeus*, ambos formados pela preposição *a* e a palavra equivalente a *Deus* (DARDANO; TRIFONE, 1997, p. 701), o que demonstra que a lógica gramatical da L1 ainda influenciava as escolhas de usos linguísticos do falante (VACCARO, 2012).

A última palavra que demonstra, igualmente, o contato linguístico, empregada pelo segundo *scriptor*, é *cherido*, contudo, a troca do *qu* do português pelo *ch* do italiano em nada modifica os sons, pensando que ambos representam o mesmo fonema [k] nos diferentes idiomas, então, ocorre a troca sem que seja comprometida a pronúncia (VIARO, 2014).

Outra demonstração da interferência do contato linguístico acontece também com o primeiro *scriptor*. Ao narrar ao pai que, no dia 11 de abril, ele e sua irmã Angelina foram à igreja, ele utiliza a palavra *igrezima* para se referir a igreja, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 4



FONTE: Carta de Chamada (1915, fº 1v.). Elaboração dos autores.

Por fim, tal construção realizada pelo primeiro *scriptor*, pode ser compreendida como uma tentativa de passar o empréstimo *igreja* ao grau diminutivo. Sendo assim, a formação do grau diminutivo para os substantivos em italiano ocorre através de sufixação e nesse caso, em especial, a sufixação veio através do *-ina* (DARDANO; TRIFONE, 1997).

4. Considerações finais

Os estudos filológicos e linguísticos permitiram que nessa pesquisa se pudesse refletir sobre importantes questões acerca das cartas de chamada, gênero epistolar bastante comum no contexto da imigração.

O documento remonta ao contexto histórico-social das imigrações europeias rumo ao novo continente, referenciando, em especial, a temática da imigração italiana entre o final do século XIX e o início do século XX, em substituição à mão de obra escrava na construção e desenvolvimento da indústria no país, juntamente, com a manutenção do cultivo do café.

A escrita cursiva pouco precisa, o traçado das letras e o baixo domínio do italiano *standard* denotam uma escrita de mãos inábeis, o que tem explicação no contexto extralinguístico, já que um grande percentual dos italianos que migraram na tentativa de fugir da crise político-econômica que o seu país vivenciava, pertenciam a um estrato social baixo, sem que, muitas vezes, pudessem acessar o ensino de educação regular.

A edição semidiplomática por sua característica de leitura conservadora, evidenciou aspectos do contato linguístico entre o italiano dos imigrantes e o português brasileiro do séc. XX, os quais podem ser alvo de novas análises na perspectiva dos estudos linguísticos.

Por fim, acredita-se na importância de tal pesquisa a respeito da imigração italiana e do contato linguístico, uma vez que os processos migratórios foram – e são – um fator definidor para construção da identidade nacional brasileira, uma vez que o imigrante ao chegar trazia consigo uma vasta bagagem cultural e, em especial, de língua, que se amalgamava à língua e cultura dos que o acolhiam.

Pode-se observar, ainda, a atualidade do contexto histórico da carta: a migração, já que tais processos não se encerraram durante o século XX, pois, como se tem verificado atualmente, cresce constantemente a chegada de novos imigrantes que tiveram que recomeçar suas vidas em nosso país por questões de ordem política, social e/ou econômica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Maria Cecília Jurado de. Paleografia. In: SAMARA, Eni de Mesquita (Org.). *Paleografia, Documentação e Metodologia histórica*. São Paulo: Humanitas, 2010. p. 9-27

BASSANEZI, Maria Silvia C. B. Imigração e Oportunidades de Trabalho no Período Cafeeiro. In: OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de. *A imigração italiana para o Brasil e as cidades*. Campinas-SP: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1992. p. 35-72

BELLOTO, Heloísa Liberalli. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

BERRUTO, Gaetano. *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Città di Castello (Perugia): Carocci editore, 2014. 280 p.

BONATO, Deborah. *L'immigrazione e l'imprenditoria italiana in Brasile ieri e oggi*. Tesi (Laureamagistrale in Relazioni Internazionali Comparete). Università Ca' Foscari Venezia, Veneza, 2013.

BERTONHA, João José. *O Brasil, os imigrantes italianos e a política externa fascista 1922-1943*. Ver. Bras. Polit. Int. 40. 1997. p. 106-30

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. *Noções de paleografia e de diplomática*. Santa Maria: UFSM, 1995. p. 13-20

BORGES, Rosa; SOUZA, Arivaldo Sacramento. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e Crítica Filológica*. Salvador: Quarteto, 2012, p.15-59

CARTA DE CHAMADA. Correspondência. Acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. São Paulo, SP. 29 abril de 1915, tomo A0000734. Disponível em: <http://www.inci.org.br/acervodigital/upload/cartas/MI_CC_A0000734X.pdf>. Acessado em: agosto de 2018.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 23-25.

CIFOLETTI, Guido. Lingua franca e língua italiana. In: BORGHELLO, Giampaolo e ORIOLES, Vincenzo. *Linguaggi, culture, letterature*. Udine, Forum, 2012. p. 91-7

CROCI, Federico. O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil. In: *Locus: revista de história*. Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 13-39, 2008.

DARDANO, Maurizio; TRIFONE, Pietro. La situazione linguistica italiana. In: _____. *Grammatica italiana: con nozioni di linguistica*. 3. ed. Bologna-IT: Zanichelli, [1997]. p. 44-87

GONÇALVES, Eliana C. Brandão. Filologia, memória e mudança linguística. In: *Anais VII Seminário de Estudos Filológicos*, Salvador: SEF, 2014.

MATOS, Maria Izilda S.; TRUZZI, Oswaldo M. S. Presença na ausência: cartas na imigração e cartas de chamada. *História Unisinos*. São Leopoldo, v. 19, n. 3, p. 338-47, set./dez., 2015.

OLIVEIRA, Maria Coleta F.A. de. *A imigração italiana para o Brasil e as cidades*. Campinas, SP: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1992. 72 p.

SILVA, Brasilina Pereira. *Cartas de chamada*. Porto: CEPESSE, 2014. 380 p.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo, Cultrix, EDUSP, 1977.

VACCARO, Alessandro. *Italiano (L1) e português (L2): sinais de atrito linguístico*. Dissertação de Mestrado em Linguística (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Porto: U.Porto, 2012. 83 p.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2014. 331 p.